



UM NOVO PADRÃO EXPORTADOR DE ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA? considerações sobre o caso brasileiro

Carlos Américo Leite Moreira¹
Emanuel Sebag²

RESUMO

A proposta de um novo padrão de reprodução do capital no continente latino-americano apresenta como traço distintivo a especialização da produção e da base exportadora em commodities assim como produtos industriais de baixo valor agregado. Nesse cenário, o capital estrangeiro apresenta-se como articulador desse novo padrão de especialização produtiva. A consolidação desse modelo pressupõe o avanço das exportações em detrimento da dimensão do mercado interno, em especial do consumo de massas. No caso brasileiro, percebem-se traços diferenciadores desse modelo geral preconizado para a América Latina. O processo de reprimarização no Brasil não resulta da ausência de dinamismo do mercado interno.

PALAVRAS-CHAVE

Padrão de Reprodução do Capital – Especialização Produtiva – Mercado Interno – Reprimarização – América Latina - Brasil

ABSTRACT

The proposal of a new pattern of capital reproduction in Latin America presents as distinctive trait the specialization of production and export base in commodities as well as industrial products with low added value. In this scenario, foreign capital is presented as the articulator of this new pattern of productive specialization. The consolidation of this model assumes the increase of exports to the detriment of the dimension of the internal market, especially the mass consumption. In the Brazilian case, are perceived differentiating traces of this general model preconized for the Latin America. The process reprimarization in Brazil does not result from the absence of dynamism in the domestic market.

KEYWORDS

Pattern of Reproduction of Capital – Production Specialization – Internal Market – Reprimarization – Latin America – Brazil.

¹ Doutor. Universidade Federal do Ceará – UFC. americo@ufc.br

² Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. emanuel_magalhaes@hotmail.com



1. INTRODUÇÃO

Em artigo recente intitulado América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região, Jaime Osorio (2012) considera que se consolidou no continente latino-americano um novo padrão exportador de reprodução do capital que se caracteriza pela especialização produtiva, porém com diferenças marcantes em relação ao modelo primário-exportador, vigente na região a partir da segunda metade do século XIX até o início do século XX. O principal diferenciador está associado ao maior grau de elaboração de muitos produtos exportados nesse novo padrão.

Na sua avaliação, a consolidação desse novo padrão exportador de especialização produtiva ocorre como o fim do modelo industrial vigente nas principais economias da América Latina entre a década de 1940 e meados de 1970. Na verdade esse novo modelo significa efetivamente uma destruição importante de segmentos da estrutura industrial, levando a processos de desindustrialização. Nesse novo contexto, mesmo economias com estruturas industriais mais complexas, como México e Brasil, foram “integradas ou subsumidas e submetidas ao novo projeto exportador, no qual os eixos exportadores constituem, em geral, segmentos de grandes cadeias produtivas globais sob a direção de empresas multinacionais (OSORIO, 2012, p.106).”.

Quais são as características desse novo padrão? Um traço distintivo está relacionado com a forte especialização da produção e da base exportadora em commodities agrícolas e metálicas assim como produtos industriais de baixo valor agregado de origem local ou de maquilas. Essa configuração não reflete uma estratégia ativa de diversificação e geração de novos mercados e oportunidades comerciais, mas o aproveitamento de vantagens naturais ou comparativas na produção e no comércio internacional. Na verdade, o dinamismo exportador reflete uma demanda externa aquecida por esses produtos característicos da região assim como na rápida capacidade de reação das economias latino-americanas a tal demanda. Adicionalmente, esse novo padrão exportador engendra a formação de enclaves com atividades que operam com reduzidos efeitos de encadeamento produtivos e tecnológicos na região, importando bens de capital, bens intermediários e até mesmo matérias-primas.



Na avaliação do autor, faz parte da natureza desse novo padrão econômico voltado para o mercado externo a perda de poder aquisitivo dos assalariados na dinâmica do mercado interno assim como a precarização das condições de trabalho e de vida da maioria da população na medida em que: 1) o consumo dos assalariados não constitui um elemento de relevância na dinâmica da economia nacional, visto que parte significativa da produção é orientada para os mercados externos. Isto porque o salário médio dos trabalhadores não permite o acesso aos bens industriais e agropecuários exportáveis; 2) a competitividade dos produtos exportáveis, notadamente primários, está vinculada à deterioração dos salários locais e na depreciação de tudo o que implique aumento do custo do trabalho. Ou seja, os trabalhadores locais são vistos muito mais como produtores do que como consumidores.

Portanto, a consolidação desse padrão de reprodução do capital pressupõe o avanço das exportações em detrimento da dimensão do mercado interno, em especial do consumo de massas. No caso brasileiro, percebem-se traços diferenciadores desse modelo geral preconizado para a América Latina. O duplo processo de reprimarização/desindustrialização no Brasil não resulta da ausência de dinamismo do mercado interno. Na verdade, nos últimos anos, a expansão do crédito, a geração de emprego formal e a política de valorização do salário mínimo foram cruciais para a expansão da demanda doméstica.

Esse fato combinado à redefinição das estratégias das multinacionais, em uma lógica de financeirização das empresas, foi determinante para a consolidação desse duplo processo de reprimarização/desindustrialização. De fato, o processo recente de internacionalização produtiva se traduziu no aprofundamento dos movimentos de natureza patrimonial e de valorização fictícia iniciados na década de noventa, implicando na redução do horizonte temporal de valorização da empresa. Como decorrência, as estratégias de produção assim como as modalidades de implantação das empresas estrangeiras implicam cada vez mais no seu desengajamento produtivo.

2. O PROCESSO DE REPRIMARIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO CONTEXTO DO CAPITALISMO FINANCEIRIZADO

A inserção da economia brasileira no capitalismo financeirizado decorreu de dois fatores cruciais. Por um lado, o processo de abertura comercial e financeira bem como as políticas monetária e fiscal



extremamente rígidas e o estabelecimento de taxas de juros reais elevadas visando a estabilidade monetária. Por outro lado, as reformas estruturais ocorridas no sistema financeiro, garantindo benefícios e concessões tributárias ao capital financeiro permitiram, em conjunto com os fatores anteriormente citados, transformar o Brasil em plataforma de valorização do capital financeiro (PAULANI, 2012; MOREIRA E SHERER, 2002).

A lógica da política de estabilização, baseada na elevação significativa das taxas de juros reais, foi determinante para a sobrevalorização da moeda nacional. A combinação de juros elevados e câmbio apreciado trouxe consequências significativas na nossa inserção produtiva. O primeiro impacto está associado à constituição de um processo de reprimarização da pauta exportadora brasileira.

Gonçalves (2003) chamava atenção para a consolidação desse padrão de especialização exportador baseado em produtos básicos já na década de noventa. Na avaliação do autor, o processo de regressão qualitativa da inserção internacional do Brasil reflete a perda de competitividade da indústria brasileira assim como a uma transformação no padrão do comércio brasileiro no sentido da reprimarização das exportações. Ou seja, o Brasil volta à indesejada situação de país exportador de bens primários e de baixo valor agregado.

Essa configuração permanece nos anos 2000. As exportações brasileiras seguem ainda bastante especializadas em commodities metálicas, agrícolas e pecuárias, demasiadamente dependentes da conjuntura externa. Esse fato incrementou a participação de produtos básicos nas exportações totais do país. A parcela desse segmento saltou de 28,9% em 2003 para 47,0% em 2012. Tal configuração indica que o desempenho das exportações brasileiras está associado ao aproveitamento de oportunidades produzidas pela expansão das importações de mercados dinâmicos.

A expansão das exportações de commodities minerais e agrícolas engendra substancial entrada de moeda estrangeira, levando a um excesso de oferta no mercado de câmbio e provocando um processo de apreciação da moeda nacional. Portanto, esse fenômeno também contribui, juntamente com as taxas de juros reais elevadas, para a apreciação do real. O impacto negativo na produção e exportação da indústria manufatureira é notório. A perda de dinamismo das exportações industriais se acompanha de uma deterioração da balança comercial de bens manufaturados. Essa dinâmica compromete o peso do setor industrial no produto interno bruto assim como o grau de sofisticação



tecnológica dos bens industriais fabricados, levando a um processo de desindustrialização. Além da apreciação cambial, o movimento de desindustrialização reflete igualmente a inoperância da política industrial nacional combinada a um amplo e rápido processo de abertura comercial. (MOREIRA e ALMEIDA, 2012; SALAMA, 2011; CARNEIRO, 2009).

O duplo processo de reprimarização/desindustrialização da economia brasileira parece confirmar a tese da constituição de um novo padrão exportador de especialização produtiva que marca o fim do modelo industrial que prevaleceu no regime de acumulação substitutivo de importações. A constituição desse novo padrão encontra-se teoricamente vinculada à perda de poder aquisitivo dos assalariados e ao conseqüente enfraquecimento do mercado doméstico, o que não se observa no caso brasileiro. Esse movimento de reprimarização/desindustrialização no Brasil não está associado à ausência de dinamismo do mercado interno dos assalariados. Na verdade, nos últimos anos, mesmo com a identificação de tal movimento, vários fatores contribuíram para a expansão desse segmento da demanda doméstica.

3. A EXPANSÃO DO MERCADO INTERNO BRASILEIRO COMO ELEMENTO DINÂMICO DA REPRODUÇÃO DO CAPITAL

O modelo teórico proposto por Osorio (2012) de um novo padrão exportador de especialização produtiva para a América Latina associa elementos ditos estruturais destas economias, ligados ao ciclo do capital na economia dependente (MARINI, 2012), ao surgimento de um novo padrão de reprodução do capital para a região, em que a extroversão econômica especializada em produtos essencialmente primários seria o elemento central da expansão capitalista. A observação mais detalhada da conjuntura econômica brasileira da última década leva ao não enquadramento deste país na dinâmica específica desta proposição teórica. Dessa forma, abre-se espaço a outras conclusões acerca dos determinantes do duplo processo de reprimarização/desindustrialização, identificando a inserção brasileira na nova lógica do capitalismo financeiro e compreendendo o novo papel desempenhado pela demanda doméstica para a realização da mais-valia extraída internamente no país.



Osorio (2012) afirma que a perda de poder de compra dos trabalhadores estaria no centro da dinâmica deste novo padrão exportador de especialização produtiva atuando de duas formas. Primeiro, porque o mercado doméstico não se constituiria como elemento de maior relevância, já que parte substancial da produção se destinaria ao exterior. Segundo, porque o baixo nível do salário médio estaria bem longe de permitir o acesso a bens manufaturados. Tal afirmação teórica é oriunda da análise do ciclo do capital na economia dependente de Marini (2012). Influenciado pela macroeconomia kaleckiana, Marini (2012) identifica o descolamento entre a produção nas economias dependentes e as necessidades de consumo local, mais especificamente, da massa trabalhadora.

Na lógica de uma industrialização tardia, mesmo dispondo de farta oferta de mão de obra, as economias dependentes importam tecnologias produtivas poupadoras de trabalho, o que amplia o exército industrial de reserva e conseqüentemente rebaixa o nível dos salários. Constitui-se assim um mercado interno frágil, o que leva à inevitável orientação para fora das economias dependentes. Dessa forma, a análise de Osorio (2012) trabalha na perspectiva teórica de uma relação automaticamente inversa entre formação de um mercado interno dinâmico e ampliação das exportações. Ou seja, ao se perceber um padrão exportador de especialização produtiva na América Latina, Osorio (2012) termina por afirmar que tal configuração econômica prescinde do mercado interno em sua dinâmica de expansão.

Ao se analisar o comportamento do mercado interno brasileiro na última década, compreendendo o movimento de ampliação e reprimarização das exportações, percebe-se uma dinâmica distinta daquela observada por Osorio (2012) para o amplo quadro latino americano. O mercado interno ganha relevância para a reprodução do capital concomitantemente ao processo de reprimarização. Neste período, pode-se observar uma política de valorização do salário mínimo, uma ampliação do emprego formal e uma expansão do crédito a pessoas físicas. O que se observa no caso brasileiro, tomando-se como base o desempenho da economia na última década, é exatamente o oposto do que se é proposto por Osorio (2012).

Longe de pretender demonstrar que as condições dos trabalhadores no Brasil vêm apresentando uma sensível melhoria a ponto de ser possível a constituição de um desenvolvimento autônomo no país. O que a recente trajetória dos indicadores de emprego, remuneração e principalmente de crédito ao trabalhador vem evidenciar é a inserção desta parcela do mercado na



dinâmica de realização da produção capitalista a nível mundial, absorvendo cada vez mais bens de consumo duráveis por meio do uso do crédito, também fazendo parte da dinâmica financeira global.

Como propõe Saad Filho (2011, p. 13), o empobrecimento dos trabalhadores “não se deve à queda absoluta dos padrões de vida dos trabalhadores, como frequentemente presume, mas, ao contrário, à distância crescente entre suas ‘necessidades’ e seu poder de compra, levando ao endividamento e ao excesso de trabalho.”. Portanto, dentro dos limites da acumulação flexível, os mercados emergentes configuram-se não apenas como plataformas exportadoras de *commodities*, mas como mercados consumidores em expansão.

O aumento da velocidade do ciclo capitalista de produção, advindo das inovações tecnológicas e organizacionais produtivas, amplia ainda mais a escala de produção e direciona uma parcela cada vez maior da produção à classe trabalhadora. Faz-se necessário, portanto, que se amplie a capacidade de absorção dessa produção pelos assalariados. O potencial dos mercados internos das economias emergentes, representado por suas consideráveis populações, realiza-se por meio do processo de proletarianização dessa população. O processo de acumulação capitalista, dentro da nova lógica financeira, faz com que o salário simplesmente não seja suficiente para dar conta de absorver o enorme fluxo de mercadorias. É nesse cenário econômico que a figura do crédito entra como elemento definidor da capacidade de realização da mais-valia nas economias dependentes no capitalismo contemporâneo.

A perspectiva da ampliação do crédito aos trabalhadores abre uma dupla crítica ao novo padrão proposto por Osorio (2012). Primeiro, uma crítica quanto à leitura de conjuntura da economia brasileira, já que o consumo interno entra como forte fator de dinamismo da reprodução do capital no país, aliando-se ao destaque das exportações, não havendo rivalidade ou mútua exclusão como afirma o autor. Segundo, abre-se espaço para a crítica teórica da leitura de Marini (2012) sobre o ciclo do capital na economia dependente que, baseado na macroeconomia kaleckiana, define a exiguidade do mercado interno ao diferenciar a produção de bens-salários e bens de luxo. O alargamento do crédito à classe trabalhadora faz cada vez mais tênue a diferença entre essas categorias de bens definidas por Marini (2012).

Esse aquecido mercado interno brasileiro acelera a procura por mercadorias, gerando um descompasso entre oferta e demanda domésticas. Essa conjuntura, porém, não é capaz de estimular o



investimento nacional. Esse vácuo de mercado é rapidamente preenchido pelo capital estrangeiro, que apresentando novas estratégias de valorização do capital, dá especial atenção ao mercado brasileiro, apresentando novas formas de inserção comercial do investimento direto estrangeiro no país, terminando por enquadrar categoricamente o Brasil como mercado emergente na lógica do capitalismo financeiro global.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do processo de internacionalização produtiva confirma o papel central do capital estrangeiro na constituição do padrão de especialização produtiva defendido por Osorio (2012). Indubitavelmente, é nas grandes empresas estrangeiras e nacionais que se concentram as principais bases exportadoras de produtos primários.

Entretanto, a reprodução do capital estrangeiro está igualmente associada ao crescimento do consumo doméstico. As filiais das empresas multinacionais do setor industrial e de serviços se beneficiam substancialmente da ampliação do mercado interno. Isto não implica na realização de grandes investimentos na expansão da capacidade produtiva.

Na verdade, o dinamismo do mercado consumidor, no contexto regime de acumulação de dominância financeira, acaba valorizando as atividades comerciais e financeiras das empresas estrangeiras em detrimento das atividades produtivas. Portanto não se pode associar o desengajamento produtivo do capital estrangeiro a ausência de um mercado consumidor assalariado dinâmico e a consolidação de uma base primária exportadora. O duplo movimento de desindustrialização/reprimarização no caso brasileiro não se enquadra no padrão exportador de especialização produtiva. Na verdade, é um reflexo da subordinação do país a lógica financeira do capitalismo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO, Ricardo. O Brasil frente à crise global. São Paulo: Interesse Nacional, 2009.

GONÇALVES, Reinaldo. O Brasil e o comércio internacional. São Paulo, Contexto, 2003.



MARINI, Ruy Mauro. O ciclo do capital na economia dependente. In: Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência. Carla Ferreira, Jaime Osorio, Mathias Luce (orgs.). São Paulo: Boitempo, 2012.

MOREIRA, Carlos Américo e ALMEIDA, Agamenom Tavares. A dinâmica do investimento direto estrangeiro no Brasil em meio a crise econômica mundial e impactos sobre a conta de transações correntes. Rio de Janeiro, XVII Encontro Nacional de Economia Política, 2012.

MOREIRA, Carlos Américo; Tavares, Agamenom. “Financialization” of capitalism and its recent effects on Latin America Emergent Economies. London: World Review of Political Economy, v.1. nº 3. 2010.

MOREIRA, Carlos, Américo Leite; FORTI SHERER, André Luis. Mercados emergentes e novas formas de dependência na América Latina. Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, v. 30, nº1, 2002.

OSORIO, Jaime. América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região. In: Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência. Carla Ferreira, Jaime Osorio, Mathias Luce (orgs.). São Paulo: Boitempo, 2012.

PAULANI, Leda. A dependência redobrada. Le Monde Diplomatique, 03 de agosto de 2012.

SAAD FILHO, Alfredo Antônio. O valor de Marx: economia política para o capitalismo contemporâneo. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SALAMA, Pierre. Industrialisation et “desindustrialisation precoce”. Paris, Seminaire BRICS, 17 octobre 2011.